

CONHECENDO A ÁFRICA: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO DA HISTÓRIA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NO CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Elaine Smaniotto¹
Élen Waschburger²
Andrea Helena Petry Rahmeier³

RESUMO

Tendo presente a criação e implementação da lei 10.639/2003, que regulamenta a obrigatoriedade do ensino de história da África e da cultura africana e afro-brasileira, este artigo tem origem em uma experiência ao ministrar o componente curricular História Africana e Afro-Brasileira no Curso de Licenciatura em História nas Faculdades Integradas de Taquara/RS, em 2020/1. Nesse sentido, o objetivo deste estudo é debater sobre o ensino da História da África em consonância com ações efetivas de melhoria na formação de professores de História. Sendo assim, a partir de um breve relato sobre a construção do planejamento e a aproximação com a temática, pontua-se uma experiência elencando desafios enfrentados em um período de pandemia de Coronavírus. Acredita-se que, dessa forma, é possível trilhar caminhos para desconstrução de um imaginário carregado de negatividade, e na elaboração de um conhecimento mais apropriado/abrangente acerca da história do continente africano, nos seus diversos países, além de contribuir para a construção de relações étnico-raciais em prol da diversidade e da promoção da igualdade racial na prática docente em História, seja no Ensino Fundamental, Médio ou Superior.

Palavras-chave: Lei 10.639/2003. Formação de professores. História Africana e Afro-Brasileira.

ABSTRACT

Bearing in mind the creation and implementation of Law 10.639 / 2003, which regulates the mandatory teaching of African history and African and Afro-Brazilian culture, this article originates from an experience in teaching the African and Afro-Brazilian History curriculum component in Degree in History at Faculdades Integradas de Taquara / RS, in 2020/1. In this sense, the aim of this study is to debate the teaching of African history in line with effective actions to improve the training of history teachers. Thus, from a brief report on the construction of planning and the approximation with the theme, an experience is pointed out listing challenges faced in a period of the Coronavirus pandemic. It is believed that, in this way, it is possible to walk paths for deconstructing an imaginary charged with negativity, and in the development of a more appropriate / comprehensive knowledge about the history of the African continent, in its different countries, in addition to contributing to the construction of ethnic-racial relations in favor

¹ Mestre em História (UNISINOS). Docente nas Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT). Taquara/RS. Brasil. *E-mail:* elainesmaniotto@faccat.br.

² Mestranda em Processos e Manifestações Culturais (FEEVALE). Aux. Administrativa do Curso de História das Faculdades Integradas de História (FACCAT). Taquara/RS. Brasil. *E-mail:* elenw@faccat.br.

³ Doutora em História (PUCRS). Docente e Coordenadora do curso de História das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT). Taquara/RS. Brasil. *E-mail:* andrearahmeier@faccat.br.

of diversity and the promotion of racial equality in teaching practice in history, whether in elementary, secondary or higher education.

Keywords: Law 10.639 / 2003. Teacher training. African and Afro-Brazilian History.

1 INTRODUÇÃO

O Curso de Licenciatura em História das Faculdades Integradas de Taquara/RS forma professores(as) que atuarão em escolas de Ensino Fundamental e de Ensino Médio. Nessa perspectiva, a Lei nº 11.645/08 altera a Lei 9.394/1996, modificada pela Lei 10.639/2003, estabelecendo as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira e indígena”, devido à pressão de movimentos sociais que reivindicam por igualdades de direitos (RIBEIRO, 2015). A publicação dessa legislação ocorreu em um contexto social e educacional na tentativa de valorizar as culturas afro-brasileiras e indígenas, em cenário histórico marcado pela invisibilidade dessas culturas e pelo enfrentamento das críticas a um ensino de História focado em narrativas eurocêntricas. Nesse sentido, é necessário

[...] abordar na História ensinada (na academia e nas escolas), novos fatos, personagens e produções historiográficas, que os evidenciem enquanto sujeitos ativos nos processos históricos, com o objetivo de tornar o currículo plural e assegurar o respeito às diversidades étnicas. Se tal obrigatoriedade recaiu também sobre o professor do Ensino Fundamental e Médio, se faz necessária uma abordagem consistente acerca dessas temáticas nos cursos de graduação, responsáveis pela formação inicial. Dessa forma, tornam-se fundamentais articulações transversais às disciplinas específicas, buscando diversidades e alteridades contidas e contadas em interpretações e narrativas plurais (RIBEIRO, 2015, p. 108).

Hoje podemos dizer que muitas ações já foram realizadas em diversos locais⁴, e destacamos os avanços dentro das Faculdades Integradas de Taquara/RS⁵, uma vez que há um componente curricular específico sobre a História Africana e Afro-Brasileira. No entanto, é importante enfatizar que uma lei não tem o poder de eliminar toda uma trajetória de memórias que foram construídas ao longo dos anos.

Muitos(as) professores(as) que estão atuando em escolas e que não tiveram acesso à História africana na graduação conseqüentemente apresentam dificuldades para trabalhar essa temática. Anderson Ribeiro Oliva (2003) aponta que a história do continente africano não foi trabalhada durante várias trajetórias de vida e formações escolares, e, muitas vezes, quando foi, ocorreu por meio de informações equivocadas e simplificadas:

⁴ Alguns exemplos: “Ação de alguns núcleos de estudo e pesquisa em História da África montados no Brasil, como o Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO), da Universidade Federal da Bahia, o Centro de Estudos Afro-Asiáticos e o Centro de Estudos Afro-Brasileiros, da Universidade Candido Mendes (UCAM), e o Centro de Estudos Africanos, da USP. Enalteça-se a iniciativa legal do governo, do movimento negro e de alguns historiadores atentos à questão. Ressalte-se a ação de algumas instituições e professores que têm promovido palestras, cursos de extensão e oferecido ou proposto cursos de pós-graduação em História da África, como na UCAM e na Universidade de Brasília (UnB)” (OLIVA, 2003, p. 455). Também Nilma Lino Gomes apresenta uma rápida retrospectiva das demandas e realizações do Movimento Negro em prol da educação, “[...] o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (2009); a inserção da questão étnico-racial, entre as outras expressões da diversidade, no documento final da Conferência Nacional de Educação Básica (Coneb), em 2008, e da Conferência Nacional de Educação (Conae), em 2010 e 2014; a inserção, mesmo que de forma transversal e dispersa, da questão étnico-racial e quilombola nas estratégias do projeto do Plano Nacional de Educação (PNE); a Lei Federal 12.288 de 2010, que institui o Estatuto de Igualdade Racial; a aprovação do princípio constitucional da ação afirmativa pelo Supremo Tribunal Federal, no dia 26 de abril de 2012; a sanção pela então presidenta da República, Dilma Rousseff, da Lei 12.711, de 29 de agosto de 2012, que dispõe sobre cotas sociais e raciais para ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de Nível Médio; a aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola – Parecer CNE/CEB 16/12 e resolução CNE/CEB 08/12 pelo Conselho Nacional de Educação; e a sanção da Lei 12.990, de 9 de junho de 2014, que reserva aos negros 20% das vagas oferecidas nos concursos públicos para provimento de cargos efetivos e empregos públicos no âmbito da administração pública federal, das autarquias, das fundações públicas, das empresas públicas e das sociedades de economia mista controladas pela União” (GOMES, 2017, p. 37).

⁵ Esta instituição de Ensino Superior localiza-se no Vale do Paranhana/RS, região que é vista por muitos como um espaço formado apenas por colonizadores europeus. Segundo as pesquisas realizadas pelos historiadores Paulo R. S. Moreira e Miquéias H. Mugge, vários imigrantes europeus que passaram a residir nos Vales do Paranhana e dos Sinos “[...] conheceram intimamente a escravidão negra [...] possuíram cativos, os alugaram, os açoitaram, os venderam, os alforriaram” (2014, p. 20). Homens e mulheres negros escravizados e posteriormente livres viveram neste espaço geográfico que (tentou) esquecer-los, mesmo com sinais bastante visíveis de sua presença, seja na área econômica (agricultura, pecuária, indústria), cultural (Clubes negros e desfiles/festas de carnaval) ou religiosa (Candomblé, Batuques, Terreiros).

Quantos de nós estudamos a África quando transitávamos pelos bancos das escolas? Quantos tiveram a disciplina História da África nos cursos de História? Quantos livros, ou textos, lemos sobre a questão? Tirando as breves incursões pelos programas do *National Geographic* ou *Discovery Channel*, ou ainda pelas imagens chocantes de um mundo africano em agonia, da AIDS que se alastra, da fome que esmaga, das etnias que se enfrentam com grande violência ou dos safáris e animais exóticos, o que sabemos sobre a África? (OLIVA, 2003, p. 423, grifos do autor).

Sendo assim, é necessário investimento contínuo em pesquisas, estudos, formação continuada para professores e futuros professores da educação básica, com o fim de superar abismos, avançar no debate, mudar/melhorar a nossa prática, respeitar a todos, independentemente de marcadores de diferenças e desigualdades - raça⁶, classe e gênero⁷ - visando a “construção da sociedade e da educação como espaços/tempos mais igualitários, democráticos e justos para todos” (GOMES, 2017, p. 38). Nessa caminhada, deve haver a participação de todas – escola, universidade, sociedade – a fim de compreender o contexto, pensar e agir em uma perspectiva emancipatória e antirracista.

2 PLANEJAMENTO DA ATUAÇÃO

Em 2018, com o currículo renovado, em consonância com a Resolução nº 2 de 2015, foi inserido no currículo acadêmico o componente curricular História Africana e Afro-Brasileira, o qual foi ministrada pela primeira vez em 2020/1 por Elaine Smaniotto, uma das autoras deste texto. É importante enfatizar que, ao longo da trajetória, o Curso de Licenciatura em História da FACCAT teve como característica inserir a História da África na história da humanidade, e a história do negro no Brasil na História do Brasil, do Rio Grande do Sul, da região do Vale do Paranhana. Vale ressaltar que o componente curricular História Africana e Afro-Brasileira foi inserido no Currículo com o intuito de ampliar e aprofundar o conhecimento e o debate que é fundamental

⁶ A ideia de raça foi e é socialmente construída, gerando hierarquias e exclusões, mas também lutas e solidariedades. E nas palavras da escritora e teórica Grada Kilomba, “raça” e gênero são inseparáveis. “Raça” não pode ser separada de gênero nem o gênero pode ser separado de “raça”. A experiência envolve ambos porque construções racistas baseiam-se em papéis de gênero e vice-versa, e o gênero tem um impacto na construção de “raça” e na experiência do racismo” (KILOMBA, 2019, p. 94).

⁷ Gênero, enquanto categoria útil à análise histórica, foi postulado no final da década de 1980 pela historiadora Joan Scott, conceito definido como “[...] um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos” e como “uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 75).

na formação de professores. Desde o princípio do curso, em 2002, o corpo docente e discente realizam pesquisas regionais na tentativa de registrar as experiências e vivências de populações indígenas, descendentes africanos, europeus e asiáticos. Defendemos, no entanto, a ideia de que é necessário e urgente aprofundar estudos sobre a História da África.

Diante desse novo e grande desafio, questionamentos foram acionados: “O que sabemos sobre a África?”; “Que conhecimentos temos sobre a África?”; “Quais fontes selecionar?”. Dessa maneira, iniciou-se uma busca intensiva de materiais/fontes com enfoque para a História Africana e Afro-brasileira, uma vez que “[...] o primeiro passo para a superação de estereótipos é o conhecimento objetivo da realidade africana através de sua história” (MACEDO, 2017, p. 8). Primeiramente, buscaram-se fontes/informações, materiais/documentos disponibilizados por meio eletrônico sobre a história, a cultura e o pensamento africano, bem como experiências e vivências de afro-brasileiros(as) na construção da liberdade no Brasil e o período pós-abolição: sites, portais⁸, revistas⁹, dicionários¹⁰, filmes históricos, documentários e entrevistas com professores(as), pesquisadores(as) como Alberto da Costa e Silva, Elikia M'bokolo, Aza Njeri, Katiuscia Ribeiro, Nei Lopes, José Rivair Macedo, Nilma Lino Gomes, Petronilha Beatriz Gonçalves da Silva, Mônica Lima e Souza, Djamila Ribeiro, Lilia M. Schwarcz, Flavio Gomes, João Reis, Lélia Gonzalez, entre outros. Também

⁸ BCEA – Biblioteca Central de Estudos Africanos; BUALA – Cultura Contemporânea Africana; Casa das Áfricas; Memória de África.

⁹ Revista – Africana Studia; Revista Afro-Ásia; Coleção Sankofa – Matrizes Africanas da Cultura Brasileira.

¹⁰ SCHWARCZ Lilia Moritz; GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). **Dicionário da Escravidão e Liberdade**: 50 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018; CASHMORE, Ellis; BANTON, Michael *et al.* **Dicionário de Relações Étnicas e Raciais**. Tradução: Dinah Kleve. São Paulo: Selo Negro, 2000; LOPES, Nei. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. São Paulo: Selo Negro, 2014; LOPES, Nei; MACEDO, José Rivair. **Dicionário de História da África**: séculos VII a XVI. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

se participou de formações em outras instituições de Ensino Superior como UNISINOS¹¹, UFRGS¹², UFOB¹³.

Dentro do processo de planejamento da disciplina, faz-se necessário um “[...] maior detalhamento e objetividade [...] Planejar significa antever uma forma possível e desejável” (VASCONCELLOS, 2002, p. 148). Essa organização é de grande valia, na medida em que ressignifica, orienta e dinamiza o trabalho. Dessa forma, a coleção *História Geral da África*¹⁴ possibilita um conhecimento amplo e uma maior aproximação com a história africana, e durante o semestre 2020/1, textos dessa coleção foram selecionados para discussões e problematizações em sala de aula. Sobre a coleção *História Geral da África*, Mônica Lima enfatiza:

O professor, para produzir o saber histórico em sala de aula, poderá fazer diferentes usos da coleção, desde que, como sempre e com qualquer obra de conteúdo específico, passe por seu olhar crítico. O fato de não ser uma obra recente não a desqualifica, [...] ainda é atual. E, quando não for, que se problematize. O fato de trazer uma história da África escrita em sua maior parte por autores africanos, numa obra de alcance internacional, também contribui para que se construa um olhar mais respeitoso sobre a produção de conhecimento no continente (LIMA, 2012, p. 287-288).

¹¹ Vários diálogos estabelecidos com o professor e doutor Paulo Roberto Staudt Moreira, com indicação de livros, artigos, dissertações e teses sobre a História da África. Também, durante o semestre 2020/1, participamos de estudos e discussões sobre Populações Negras, Escravidão e Pós-emancipação - Debates sobre o Pós-abolição: historiografia e fontes documentais. A disciplina foi ministrada pelos Professores Doutores Paulo Roberto Staudt Moreira e Melina Kleinert Perussatto.

¹² Os Professores Doutores José Rivair Macedo e Fernanda Oliveira da Silva efetivos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, vem realizando um vasto trabalho de estudos, pesquisa, aulas, possibilitando assim um suporte teórico-metodológico sobre a África e Africanidades. No período de pandemia pelo novo Coronavírus, participaram de Lives abordando realidades de populações africanas e afro-brasileiras. Além disso, também a Semana da África na UFRGS, evento anualmente celebrado em maio, em virtude do Dia da África (25/05), ocorreu de forma virtual com publicações, em redes sociais, de mensagens e reflexões realizadas por africanas e africanos durante a Semana (25 até 30/05/2020).

¹³ Webinar - História em Diálogo: Ensino e pesquisa 2020. Perspectivas para a História da África e Afro-brasileira. Com os professores Dr. José Henrique Rollo Gonçalves, Dr. Alex Andrade Costa e Dr. José Francisco dos Santos.

¹⁴ “A África tem uma História”. Com essa frase, o historiador Joseph Ki-Zerbo, nascido em Burkina Fasso, abriu sua introdução à coleção *História Geral da África*, editada pela UNESCO a partir de trabalhos discutidos em seminários na década de 1960, e escritos ao longo das décadas de 1970 e 1980. Hoje, temos 8 volumes, traduzidos para o português, que cobrem os períodos da pré-história até a década de 1980. Os novos volumes – IX, X e XI –, que ainda não foram traduzidos para o português, contemplam as mais recentes descobertas científicas, teorias, dados e conceitos sobre o passado e o presente da África e de sua diáspora. Para a elaboração dos novos volumes, o Comitê Internacional Científico contou com a colaboração de 16 membros efetivos e três membros associados, que representam várias regiões do mundo e diferentes disciplinas científicas. No Brasil, destaca-se a participação de Vanicléia Silva Santos.

Tudo isso foi organizado em uma tentativa de contribuir para o avanço de conhecimentos sobre o conjunto da história africana e dos(as) afro-brasileiros(as). Uma vez construído o planejamento didático e feita a busca de fontes, partiu-se para a prática.

3 EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Na primeira aula, foi lançado o questionamento “Qual é a tua perspectiva sobre a África?”, que foi respondido em pequenos pedaços de papel adesivo, de cores diversas, por meio de palavras-chave, como é possível visualizar na Imagem 1.

Imagem 1: Mapa – Perspectivas sobre a África



Fonte: Acervo Particular de Elaine Smaniotto (2020).

As respostas escritas pelos(as) estudantes e futuros(as) professores(as) de História que atuarão no Ensino Fundamental e Médio, por um lado, apresentaram ideias estereotipadas, um mundo exótico, ou sendo composto por pessoas vivendo em tribos e em condições sub-humanas, como por exemplo: “*A África é um país pobre*”. Por outro lado, as respostas demonstraram consciência sobre a necessidade de ampliar estudos e pesquisas, uma vez que existe uma grande lacuna em relação a essa temática, por exemplo: “*Na escola este assunto foi quase nulo*”, ou ainda “*A historiografia tradicional é eurocêntrica*”.

Sendo assim, o desafio estava posto. Percebe-se que “[...] formar profissionais competentes e sintonizados com as demandas do mundo atual, que tenham senso de

justiça social e uma identidade profunda com a cidadania democrática, é tarefa que exige muito mais desses professores do que repassar os conteúdos de sua área de especialização *stricto sensu*” (PIMENTA, 2011, p. 7). Nesse sentido, é fundamental que as ações direcionadas ao conhecimento científico incluam em seu currículo diálogos com outras culturas, outras etnias, gerando assim outros saberes. A pedagoga Nilma Lino Gomes (2017, p. 136) ressalta que a “[...] pedagogia da diversidade é uma pedagogia da emancipação. Ela tenciona a pedagogia tradicional que ainda ocupa um lugar hegemônico no campo científico, configurando-se em uma pedagogia da regulação”. Então, objetivando uma educação inclusiva, faz-se necessário “[...] superar as práticas pedagógicas que tradicionalmente dicotomizam teoria x prática, pensar x fazer, trabalho x estudo, pesquisa x ensino” (FELDHAUS; ROSA, 2016, p. 263) e participar do processo de desconstrução da invisibilidade de histórias de povos e culturas até então marginalizados/silenciados. E ainda, nas palavras da escritora nigeriana Chimamanda N. Adichie (2019, p. 32), “As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada”.

Na segunda aula do componente curricular, procurou-se estabelecer um “[...] diálogo inteligente com a realidade” (DEMO, 1990, p. 37). No âmbito regional¹⁵, foi proposta aos estudantes a realização de uma pesquisa de campo (pesquisa e ensino) a partir do seguinte questionamento: *Quais são as representações e protagonismos de mulheres negras no período pós-abolição brasileira na região do Vale do Paranhana e suas proximidades?* Por meio de diálogo, concluiu-se que ainda existe certa invisibilidade sobre o registro, a preservação e a difusão de memórias e histórias de mulheres negras na região do Vale do Paranhana e suas proximidades, que, dessa forma, tiveram o seu direito à memória e à história negado. Dentro desse contexto, o ensino de História tem um papel determinante a desempenhar: a pesquisa como prática pedagógica e a produção de conhecimento sobre problemas reais e concretos. Portanto, as pesquisas são importantes “[...] na medida em que facilitam e implicam a busca, o contato com fontes diversas, democratizando o acesso e a crítica à história,

¹⁵ “O conceito de região está voltado para a forma pelas quais os homens organizam o espaço, tornando-o particular dentro de uma organização econômica e social mais ampla. Esse conceito de região permite o trabalho do historiador, ao dedicar-se à constituição histórica regional em um processo de mudança e transformação” (BITTENCOURT, 2008, p. 162).

ampliando as possibilidades temáticas e a compreensão histórica” (FONSECA, 2003, p. 124).

Nessa linha, havia sido planejado desenvolver uma pesquisa de campo a fim de: (a) registrar histórias e memórias de mulheres negras da região de abrangência das Faculdades Integradas de Taquara; (b) refletir sobre a representação e o protagonismo da mulher negra no período pós-abolição do Brasil; (c) elaborar um meio didático pedagógico e aplicado em forma de dinâmica, nas competências de História em nível nacional (conforme lei 11.645/08), bem como atender às do Curso de Licenciatura em História das Faculdades Integradas de Taquara/RS que se aplicam à temática em questão, além de atender às habilidades específicas da BNCC (Base Nacional Comum Curricular - 2018); e assim, formar um acervo documental¹⁶ sobre história e memória de mulheres negras do Vale do Paranhana e suas proximidades.

Nessa atitude pedagógica, um fator preponderante é estar consciente sobre o envolvimento de “[...] abordagens interdisciplinares, uma vez que através da pesquisa, links são estabelecidos entre contextos, entre problemas e entre possibilidades de emancipação do sujeito histórico” (FELDHAUS; ROSA, 2016, p. 263). A proposta dessa prática pedagógica era envolver os discentes do componente na busca de informações sobre mulheres negras que viveram ou vivem no Vale do Paranhana e suas proximidades por meio de entrevistas, análise de documentos¹⁷ e produção de um jogo, (cartas, texto, vídeo) para dar destaque aos feitos de oito mulheres negras que viveram ou vivem no sul do Brasil. No entanto, fomos surpreendidos pela pandemia do Coronavírus, e a pesquisa de campo se tornou inviável. Por enquanto, foi arquivada à espera de uma melhor oportunidade.

Nesse novo momento, foi necessário repensar o planejamento e criar mecanismos para dar prosseguimento aos estudos. Para isso, foi necessário o envolvimento de muitos recursos, como a criação de um grupo no WhatsApp (professora/alunos(as)); aulas on-line por meio do Google Meet; Material de estudos

¹⁶ O Curso de Licenciatura de História da FACCAT possui um Laboratório com vários Acervos. Os documentos produzidos com esta pesquisa seriam parte do ACERVO DOCUMENTAL E DE PESQUISA – ADOPE: FUNDO: *Nós estamos aqui: registros de memória dos afro-brasileiros nos Vales do Paranhana e do Sinos (RS) e proximidades.*

¹⁷ Para Le Goff (2003, p. 535), “O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente”.

disponibilizados no Classroom, trocas constantes de e-mails. Ou seja, discentes e docentes reinventaram-se, procurando desenvolver a capacidade de resiliência. Tendo em vista que, em virtude da pandemia, algumas possibilidades metodológicas tornaram-se inadequadas para a situação, optou-se por uma outra experiência pedagógica: vincular História e Literatura, uma vez que a ascensão de várias obras recentes trouxeram como personagens principais as mulheres. Desse modo, partiu-se para uma troca de ideias e sugestões de livros sobre a temática feitas no início do ano de 2020, entre a professora e egressa do curso e a auxiliar administrativa, Élen Waschburger, também autora deste artigo, tornou-se fonte de discussão sobre o papel da mulher negra, em diversos contextos e épocas, sendo possível trabalhar diferentes momentos históricos.

A ação pedagógica foi denominada de “História e Literatura: aprendizagem e desafios”, constituindo-se por leitura e análise de romances históricos. Em relação a essa abordagem, entende-se que possibilita visões inter e transdisciplinares, além de articular diferentes campo de saberes (PIMENTA, 2011). Nesse sentido, Ginzburg (2000, p. 178) afirma que “[...] a relação entre história e ficção envolve, pois, aprendizado mútuo, com os gêneros se desafiando e respondendo um ao desafio do outro”. Cada um com seus meios, dialoga e constrói perspectivas.

Para essa atividade, foram selecionados romances históricos, que tinham como cenário a América e/ou África, com personagens afro-americanos e africanos:

Quadro 1 - Obras escolhidas para discussão

TÍTULO	AUTORIA	ANO DA EDIÇÃO
<i>Eu, Tituba: bruxa negra de Salém</i>	CONDÉ, Maryse	2019
<i>A ilha sob o mar</i>	ALLENDE, Isabel	2009
<i>O Outro Pé da Sereia</i>	COUTO, Mia	2006
<i>Meio Sol Amarelo</i>	ADICHIE, Chimamanda Ngozi	2008

A proposta se desenvolveu seguindo os seguintes passos:

- 1) Escolher uma das obras propostas;
- 2) Apresentar informações sobre o(a) autor(a) do livro;
- 3) Explicar o significado do título do livro;
- 4) Explicitar o tema, enredo, principais personagens;
- 5) Explicar o contexto histórico abordado;

- 6) Citar trechos do livro que chamaram a sua atenção;
- 7) Elencar informações sobre a situação das questões abordadas pelo(a) autor(a) neste livro em ... (local onde se passa a narrativa);
- 8) Comentários e julgamentos sobre as ideias do(a) autor(a) e o valor histórico/literário da obra.
- 9) Apresentação/diálogo/olhares por meio do Google Meet.

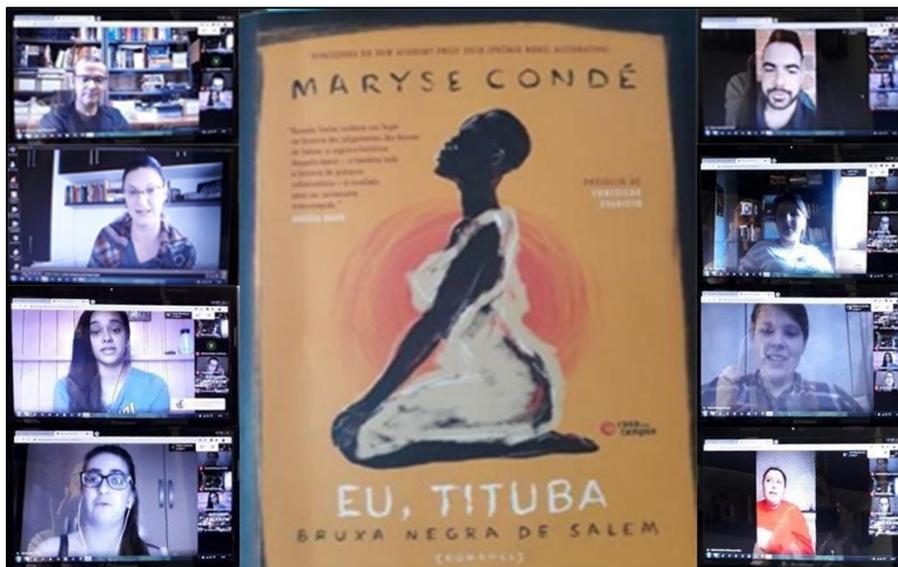
A proposta não era obrigatória, mas, mesmo assim, 46% dos(as) alunos(as) participaram plenamente. A justificativa para não terem participado foram: falta de tempo para leituras extras, uma vez que não conseguiram conciliar família, trabalho, estudo e pesquisa; a impossibilidade adquirir as obras em função da pandemia.

Na sequência, apresenta-se um relato da atividade, bem como algumas observações/chave de discussão e conclusões dos(as) acadêmicos(as) que realizaram essa ação pedagógica.

a) ***Eu, Tituba: bruxa negra de Salém.*** Escrito pela mexicana Maryse Condé, nascida na ilha caribenha de Guadalupe. A atividade (apresentação/diálogo/olhares) foi realizada no dia 25 de abril de 2020. Um dos olhares acadêmicos apontou a seguinte reflexão: “*Ela trata de questões, infelizmente, muito atuais: o racismo e a intolerância religiosa, que são polarizados, pois não se discutem meio-termos, apenas extremos*”. Nesse sentido, percebe-se um passado que continua presente. Segundo a escritora Toni Morrison (2019), se o racismo é assimilado a partir de exemplos cotidianos, a literatura mostra-se uma arma fundamental para combatê-lo. Outro discente observou que “[...] *a narrativa da vida de uma mulher solidária, que se importava com os sofrimentos dos outros, uma visão sobre a escravidão na qual a personagem principal é uma mulher, desde ponto de vista, vemos as condições que cercavam as mulheres naquela época*”. Essa atividade possibilitou *links* com as questões discutidas em aula sobre a escravidão, como a biografia de Mahommah Gardo Baquaque, que foi escravizado no Brasil, conseguiu sua liberdade, escreveu a própria biografia e se engajou na luta abolicionista. Também foram tecidas relações com as obras de Marcus Rediker (2011), com o poema de Castro Alves (*Navio Negreiro*) e com vídeos sobre o Tráfico de escravos do Atlântico. Além disso, também se aludiu a relações de

gênero, como a feita pela escritora Bell Hooks¹⁸, que chama atenção para as posições sociais e as experiências das mulheres negras. “As mulheres brancas e os homens negros têm as duas condições. Podem agir como opressores ou ser oprimidos. Os homens negros podem ser vitimados pelo racismo, mas o sexismo lhes permite atuar como exploradores e opressores das mulheres. As mulheres brancas podem ser vitimizadas pelo sexismo, mas o racismo lhes permite atuar como exploradoras e opressoras de pessoas negras” (HOOKS, 2015, p. 207). Vale destacar aqui que, durante o semestre, também foram discutidos, por meio de *podcasts* elaborados pelos alunos, os textos de Cláudia Cardoso (2014) e Oyèrónké Ooyèwùmí (2004).

Coletânea de imagens 1 - Participantes na discussão sobre *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem*



Participantes: Coluna esquerda - Ari Verton de Paula Schoenardie, Prof^a Elaine Smaniotto, Estefânia de Oliveira Brizola, Tainá Raíssa Piaia; Coluna direita - Braian Lucas Nunes Schuck, Élen Waschburger, Paola Werlang de Souza, Vitória Caroline Hoffmann da Silva.
Fonte: Acervo pessoal da professora Me. Elaine Smaniotto (2020).

A história da personagem Tituba rendeu, no mínimo, uma hora de conversa. A discussão sobre o livro permitiu momento de intensa troca de ideias, trazendo para o centro do debate a perda da liberdade, a sexualidade feminina, o conhecimento do próprio corpo e desejos, os papéis forçados e a cedência de desejos privados para manter-se viva em contexto da escravidão, o papel da mulher negra escrava em

¹⁸ Gloria Jean Watkins escolheu Bell Hooks como pseudônimo, inspirado na sua avó materna, Bell Blair Hooks.

período da “Caça às Bruxas” nos Estados Unidos, rechaçada por dois fatores: a cor da sua pele e conhecimentos sobre a natureza, vista aos olhos da personagem como naturais. Mas, pelo olhar do “outro”, era visto como algo “demoníaco” e punível. Trazendo essa discussão para o período contemporâneo, ficaram os questionamentos: Quem é a mulher punível? A que questiona? A que diz não? A que é negra? A que cultua religião diferente do cristianismo? Enfim, trata-se de uma obra que gera muitos debates.

b) ***A ilha sob o mar***. Escrito pela chilena Isabel Allende. O diálogo sobre essa obra foi realizado no dia 23 de maio de 2020. Na perspectiva de um aluno leitor, essa obra permitiu que se *“[...] vivencie através dos personagens, como era viver sobre um regime escravocrata. [...] traz aspectos sobre o desenvolvimento da Revolução do Haiti, desde os precedentes da revolta até seus desdobramentos mais diretos”*¹⁹. E aqui é importante ressaltar que historicamente o processo de independência do Haiti

Teve caráter inaugural entre as abolições do mundo atlântico, não só por conta do momento em que ocorreu como em função do seu valor simbólico. Sua Declaração de Independência, que circulou internacionalmente desde 1804, cristalizou a questão da abolição permanente da escravidão. [...] A participação massiva de escravos e escravas, bem como parte das lideranças que alcançaram maior visibilidade, acabou por unir as várias histórias de independência e a abolição. A importância simbólica da fundação do Haiti evidência, pois, para as sociedades escravistas do mundo atlântico uma experiência de sucesso de insurreição escrava (SAMPAIO, 2018, p. 210-211).

No olhar de uma das alunas, a leitura desse romance histórico permite *“[...] adentrar nas situações e se emocionar a cada página virada. A história de Tété representa a vida de muitos negros, que foram arrancados de sua terra natal, mas nem por isso abandonaram seus costumes e culturas, e com força lutaram pela liberdade da qual nunca deveria ter sido lhes tirada”*.

¹⁹ Os relatos dos acadêmicos serão apresentados ao longo do texto, porém em itálico e entre aspas, para diferenciar do referencial teórico utilizado no trabalho.

Coletânea de imagens 2 - Participantes da discussão sobre “A ilha sob o mar”



Participantes: Irius Basei Rodrigues, Taís Hélen Voltz, Guilherme Henrique da Silva, Franciele Carina Schmidt, Prof^a Elaine Smaniotto.

Fonte: Acervo particular da professora Elaine Smaniotto (2020).

c) **O Outro Pé da Sereia**. Escrito pelo moçambicano Mia Couto (António Emílio Leite Couto). O diálogo ocorreu no dia 6 de junho de 2020. Uma aluna destacou alguns aspectos como “[...] a violência contra a mulher e como as crenças podem estar fadadas pelo machismo e superioridade masculina, tanto é que o autor faz uma jogada incrível nos levando a crer que Zero seria o personagem mais importante, mas na realidade era Mwadia quem mais importava para unir passado e presente e desvendar o mal que cercava a localidade - seja pela morte do padre, seja pelas lutas e guerras proporcionadas pela independência”. Outro aluno observou que o texto “[...] nos passa uma ideia das influências da colonização e da escravidão na África oriental”. Com essa obra, foi possível ampliar a discussão sobre o lado oriental do continente africano ao longo dos séculos, ligações com a Ásia e com Portugal, principalmente. O historiador Alberto da Costa e Silva (2003) chama a atenção para a diversidade existente no continente africano, e também, o quanto é importante conhecer mais sobre a história do nosso país, uma vez que ao longo dos séculos, a África ajudou a formar o Brasil. Junto com os africanos que foram escravizados no Brasil, vieram técnicas, costumes, crenças. Muitos afrodescendentes têm suas raízes na África oriental (atual Moçambique). “A história da África é importante para nós brasileiros, porque ajuda a explicar-nos. Mas é importante também por seu valor próprio e porque

nos faz melhor compreender o grande continente que fica em nossa fronteira leste e de onde proveio quase a metade de nossos antepassados” (SILVA, 2003, p. 240).

Coletânea de imagens 3 - Participantes da discussão sobre “O Outro Pé da Sereia”



Leitoras e leitores: Camila Brum, Franciele de Oliveira Santos, Bernardo Ganzen Kucharski e Prof^a Elaine Smaniotto.

Fonte: Acervo particular da professora Elaine Smaniotto (2020).

d) **Meio Sol Amarelo**. Escrito pela nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. A apresentação concretizou-se no dia 4 de julho de 2020. Na fala de uma das leitoras: “[...] fiquei impressionada com a paixão com a qual as pessoas defendiam e acreditavam na vitória de Biafra, mesmo vendo seu povo sendo dizimado por bombas e pela fome”. A escritora nigeriana pontua aspectos da mulher negra frente ao racismo e ao machismo. Relata o caos vislumbrado a partir do drama vivenciado por centenas de pessoas. Um dos textos discutidos em aula foi do livro *História da África*, escrito pelo historiador José Rivair Macedo. Nesse ponto, é importante destacar que o conflito que serviu como cenário da narrativa de *Meio Sol Amarelo*, “[...] tornou-se recorrente ao longo dos primeiros anos da república nigeriana, [...] de 1966 a 1970, a Nigéria foi sacudida e devastada pela guerra separatista dos povos da região central, na maioria ibos, que lutava pela criação da República de Biafra” (MACEDO, 2017, p. 160). Também foi trabalhado em aula o texto de Vincente B. Khapoya (2016), que amplia a discussão sobre os golpes de estado e guerras civis ocorridos na África nos primeiros trinta anos pós-independência. A guerra civil nigeriana “[...] provocou a matança de milhares de pessoas ibos do norte; esta chacina foi iniciada por um golpe militar[...].

Durante a Guerra de Biafra, mais de 2 milhões de vidas foram perdidas” (KHAPOYA, 2016, p. 288).

Coletânea de imagens 4 - Participantes da discussão sobre *Meio Sol Amarelo*



Leitoras e leitores: Elisabete Franco e Ari Verton de Paula Schoenardie, Profª Elaine Smaniotto.
Fonte: Acervo particular da professora Elaine Smaniotto (2020).

Portanto, essa experiência propiciou desenvolver a habilidade de voltar-se para o passado, compreender o “outro” em “outro tempo” (RÜSEN, 2001) e perceber as relações entre o passado e o presente, a partir do olhar da História e da Literatura. Sobre a utilização da Literatura, Antonio Candido (2004) ressalta a importância de se apropriar dos códigos literários para uma leitura mais rica e participativa. “Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as suas modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável” (CANDIDO, 2004, p. 191).

Por meio da atividade pedagógica *História e Literatura: aprendizagem e desafios*, percebeu-se que a maioria dos(as) alunos(as) se surpreendeu com a capacidade de fazer uma leitura atenta de um romance e encontrar tanta informação de cunho histórico. Durante as aulas, os(as) leitores(as) teciam comparações sobre o que havia lido no romance e relacionando com o que era discutido em aula, e, assim, a discussão era ampliada. Foi visível o grande prazer que sentiram ao final das leituras e a reflexão provocada sobre a especificidade do discurso histórico e a dimensão

narrativa do ato de interpretação. Expressaram também a importância da leitura e debates de textos históricos para a compreensão do documento literário escolhido. Entre eles/elas, foi unânime a colocação de que essa atividade de ensino proposta alargou horizontes, aumentou o gosto pela leitura de textos também literários, constituindo-se como uma possível prática pedagógica para ser aplicada com alunos no Ensino Médio.

Nesse contexto, cabe apontar a discussão realizada em aula acerca do fato de que, na metade do século XX, na África, as obras literárias serviam para denunciar e mostrar os contrastes políticos e sociais e conclamar as pessoas para a necessidade de mudança. Por exemplo, Gabriel Mariano utilizou de seus poemas e contos para reivindicar a saída dos colonizadores portugueses de Cabo Verde; Nadine Gordimer, escritora e ativista política, na África do Sul, escreveu mais de 30 livros abordando temáticas como mudanças pós-Apartheid, homossexualismo, justiça social; José Craveirinha resgatou a tradição africana de contar histórias e por meio de suas palavras transformou livros em verdadeiras bandeiras contra o colonialismo português em Moçambique.

Para finalizar este relato de experiências e vivências, na manhã de 04 de julho de 2020, a Coordenadora do Curso de História da Faccat, Andrea Helena Petry Rahmeier, outra autora deste texto, participou da aula por meio do *Google Meet*, apresentando um Relato de Viagem sobre a cidade do Cabo na África do Sul. Para isso, mostrou fotografias, mapas, *links* e imagens de museus e pequenos vídeos. Elencamos, brevemente, alguns objetivos alcançados com esta proposta pedagógica: a) Identificar diferenças e igualdades entre o Brasil e a África do Sul; b) Promover diálogo com outras áreas do conhecimento, por exemplo, turismo responsável, geografia crítica. Outra estratégia foi fazer relações entre as leituras referentes a Mandela, de Jose Rivair Macedo (2017), e interpretação de textos/documentários sobre o regime de Apartheid, como o documentário: *Nova África - Nelson Mandela*, com a experiência vivenciada na Cidade do Cabo.

Toda ação do componente possibilitou o desenvolvimento de uma visão crítica sobre formas de representação. Uma vez que a docência é uma profissão exercida de maneira compartilhada, em uma rede de partilhas, criadas e recriadas, neste caso, articulou-se um diálogo entre alunos(as), professora e Coordenadora do Curso de História.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ser ministrado esse componente curricular, para além da legislação que versa a respeito de sua obrigatoriedade, coube criar e recriar estratégias pedagógicas para estudar histórias e culturas africanas e afro-brasileiras com o propósito de ampliar o conhecimento sobre o continente, que traduz a ampliação do conhecimento acerca de nossa própria História.

Este artigo apontou algumas alternativas mesclando diferentes formas, linguagens e tecnologias, as quais, forçadas pela pandemia, foram essenciais para diversificação das aulas. Reforça-se a necessidade de formação de professor(a)/pesquisador(a) disposto(a) a dar visibilidade e afirmação para a história e cultura africana e afro-brasileira. Nesse processo, o conhecimento é o melhor instrumento, e deve ser constante na vida tanto dos(as) professores(as) de longa carreira, quanto dos(as) recém-chegados(as) às salas de aulas e os(as) que estão se preparando para ingressar na docência. As discussões estão no ar, evidenciando que nós, professores(as), estamos atentos(as) para as questões teóricas e metodológicas e sigamos mantendo as reflexões pautadas nas conjunturas sociais dos tempos contemporâneos implicados nas agências das lutas antirracistas.

Essa experiência possibilita trilhar caminhos para desconstrução de um imaginário carregado de negatividade e para a elaboração de um conhecimento mais apropriado e abrangente acerca da história do continente africano (OLIVA, 2010), além de contribuir para a construção de relações étnico-raciais em prol da diversidade e da promoção da igualdade racial na prática docente em História. Portanto, finaliza-se este artigo/relato de experiências com depoimentos²⁰ de alguns/algumas alunos (as) que cursaram o componente curricular História Africana e Afro-Brasileira em 2020/1:

“Devemos urgentemente começar a ler mais autores negros, para ter a visão do país deles sobre o olhar deles, deixando de lado o eurocentrismo da história e abrir horizontes para conhecer povos, ideias, histórias e culturas vivenciadas no continente africano”

²⁰ Optamos por elencar aqui apenas quatro depoimentos, representando a turma toda. Para não expor os não contemplados, preferimos não identificar nominalmente os depoimentos selecionados.

“É hora de continuarmos as pesquisas para possibilitar aos nossos alunos uma alternativa que não tivemos na educação básica: aprender sobre a grandiosidade do continente africano, nos variados momentos históricos. Agora também, mais do que nunca, cabe a nós mostrarmos a eles as influências que a África e os africanos exerceram em nosso país, afinal, estudar história africana é estudar também a nossa história”.

“Não basta apenas derrubar estátuas de personagens controversos ligados a esta história, mas também é preciso rever antigos pensamentos, que ainda estão intimamente ligados à uma parcela da população mundial, como o preconceito racial. Não é uma tarefa fácil e talvez seja algo que nunca seja sanado de forma satisfatória, mas a luta contra o racismo deve fazer parte de todos os meios possíveis”

“O desenvolvimento cultural que permite a exposição dessa diversidade, também remete a ideia inicial colocada pelo professor Alberto da Costa e Silva, de várias Áfricas, várias culturas, variedades étnicas, etc. Cabe a nós, futuros professores que façamos a diferença quando atuarmos em sala para que se abra espaço para discussões, conhecimentos e aproximação de afrodescendentes ao seu passado; ainda mais por sermos brasileiros, reconhecendo que nosso passado está muito mais próximo pelos nossos costumes cotidianos à África do que a Europa”

A história da África é fundamental para que mais pessoas conheçam e reconheçam as raízes africanas de mais da metade da população brasileira, valorizando o pertencimento, o fortalecimento e o respeito a diversidade humana.

REFERÊNCIAS:

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Trad. Júlia Romeu. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.

BARBOSA, Muryatan Santana. **A África por ela mesma: a perspectiva africana na História Geral da África (UNESCO)**. 2012. 222 p. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2012.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Parâmetros Curriculares Nacional – Ensino Médio, Vol. 1. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Média e Tecnológica (1999).

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília, DF, Outubro de 2014.

_____. **Lei 10.639/2003, de 09 de janeiro de 2003.** Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm>. Acesso em: 10 fev. 2020

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo: Duas cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004. p. 169-191.

CARDOSO, Cláudia Pons. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 965-986, set./dez. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ref/v22n3/15.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2020.

DEMO, Pedro. **Pesquisa princípios científicos e educativos**. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1990.

EBC na Rede. **Nova África** – Nelson Mandela. 2017. (25m22s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Wet28Jd6Ejw>>. Acesso em: 28 jun. 2020.

FELDHAUS, Kelin Cristiani; ROSA, Geraldo Antônio da. Pedagogia universitária: enfoques frente à formação de professores do ensino superior. **Linhas**, Florianópolis, v. 17, n. 34, p. 242-265, maio/ago. 2016.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizados**. Campinas, SP: Papirus, 2003. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GINZBURG, Carlo. Entrevista. *In*: PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **As muitas faces da história**. Nove entrevistas. São Paulo: Unesp, 2000. p. 269-306.

HOOKS, Bell [Gloria Jean Watkins]. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 16, p. 193-210, jan./abr. 2015.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação** - Episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KHAPOYA, Vincent B. **A Experiência africana**. 2. ed. Trad. Noéli Correia de M. Sobrinho. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. *In*: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003. p. 525-539.

LIMA, Mônica. A África tem uma história. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 46, p. 279-288, jul./dez. 2012.

MACEDO, José Rivair. **História da África**. São Paulo: Contexto, 2017.

MOREIRA, Paulo R. Staudt; MUGGE, Miquéias H. **Histórias de Escravos e senhores em uma região de imigração europeia**. São Leopoldo: Oikos, 2014.

MORRISON, Toni. **A origem dos outros**: Seis ensaios sobre racismo e literatura. Trad. Fernanda Abreu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da transdisciplinaridade**. Trad. Lucia Pereira de Souza. São Paulo: TRIOM, 1999.

OLIVA, Anderson Ribeiro. A História da África nos bancos escolares: representações e imprecisões na literatura didática. **Estudos Afro-asiáticos**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, p. 421- 461, 2003.

_____. Uma história esquecida: A África e os africanos diante dos imaginários e dos discursos brasileiros dos séculos XIX ao XXI. *In*: OLIVA, Anderson Ribeiro. **Reflexos de África**: ideias e representações sobre os africanos no imaginário ocidental, estudos no Brasil e Portugal. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2010. p. 127–157.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **Conceituando o gênero**: os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Trad. Juliana Araújo Lopes. CODESRIA Gender Series, Dakar, CODESRIA, 2004.

PIMENTA, Selma Garrido; ALMEIDA, Maria Isabel de (Orgs.). **Pedagogia Universitária**: caminhos para a formação de professores. Selma Garrido Pimenta, São Paulo: Cortez, 2011.

PEREIRA, Júnia Sales. Diálogos sobre o exercício da docência – recepção das leis 10.639/03 e 11.645/08. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n.1, p. 147-172, jan./abr. 2011.

REDIKER, Marcus. **O Navio Negroiro**: Uma História Humana. São Paulo: Cia. das Letras, 2011.

RIBEIRO, Renilson Rosa; MENDES, Luís César Castrillon; SANTOS, Amauri Junior da Silva. História da África no Ensino Superior: Imagens e representações dos estudantes do Curso de Licenciatura em História da UFMT, Campus Cuiabá. **História e Diversidade**, Cáceres, v. 6, n. 1, p. 107-124, 2015.

RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica** - teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora da UnB, 2001.

SAMPAIO, Maria Clara S. Carneiro. Emancipação nas Américas. *In*: SCHWARCZ Lilia Moritz; GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). **Dicionário da Escravidão e Liberdade**: 50 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 210 – 215.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, Alberto da Costa e. A História da África e sua importância para o Brasil. *In: Um rio chamado atlântico: A África no Brasil e o Brasil na África*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira / Ed. UFRJ, 2003. p. 229 – 240

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico - elementos metodológicos para elaboração e realização**. São Paulo: Libertad Editora, 2002.

Obras discutidas em aula – “História e Literatura: Aprendizagem e desafios”

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Meio Sol Amarelo**. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

ALLENDE, Isabel. **A ilha sob o mar**. Trad. Ernani Ssó. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009;

CONDÉ, Maryse. **Eu, Tituba: bruxa negra de Salem**. Trad. Natalia Borges Polesso. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2019.

COUTO, Mia. **O Outro Pé da Sereia**. Companhia das Letras, Rio de Janeiro, 2006.